

COMPRAR

OS NOSSOS

*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officina d' impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
25 DE NOVEMBRO DE 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS	
Lisboa e provincias.....	300 rs.
Colonias.....	400 »
Brasil (morda ferrei).....	900 »

NUMERO AVULSO 20 REIS

OS NOSSOS

J. M.

Januario & Mourão

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 15000 reis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASE DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brinde

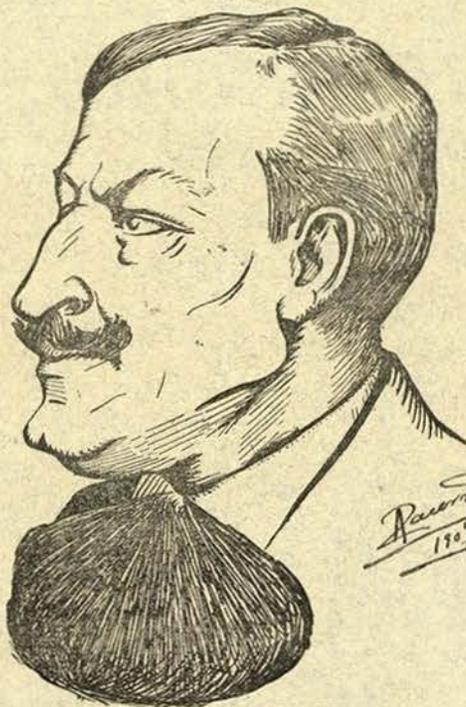
GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.



Suas télas são thesouros
Que seu grande Genio assigna;
O' Fama, cedei os louros
A quem na Arte domina.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 às 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clínica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente & Guia, 22, 1.º

ADELAIDE CABETTE

MEDICA

DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas ás 2 da tarde

A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietarios

Palermo de Faria & C.^{ta}

Trabalhos typographicos em todos os generos

Rua de S. Paulo, 216
LISBOA

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que tem de fazer identificações e lidar com impressões digitales.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.^A

Rua Aurea, 186, 188 — LISBOA

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LAERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
25 DE NOVEMBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 REIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 •
Brazil (moeda forte)..... 900 •



CHÁ E TORRADAS



Alá vac o mau tempo. As chuvas porém, ou não deviam ter vindo, ou deveriam ter apparecido mais cedo, e digo isto por serem ellas causa de substituir eu hoje nesta secção o João Pacifico que nella tinha cavado tóca permanente, com tanto gaudío para os leitôres do *Asulejos*, quanto aborrecimento lhes matizará o animo, ao darem pela substituição. Eu me explico: hontem á noite fumava eu tranquilamente o meu cigarro de superior misturado com barbas de milho e contemplava merencoriamente a lua, o que me acontece sempre em vesperas de pagar a renda da casa e talvez porque o astro nóturmo me faz lembrar a cara abolachada do meu senhorio, quando me entra pela casa dentro o João Pacifico e em bella esgrima prosódica me cõe a fundo com este bôte.

—Meu velho, sabes que as ultimas chuvas transformaram-me os feijões em calda de tomate, as uvas em compota de ginja e as batatas em *purée* mais deslavado e negro que a ambição d'um ministro d'Estado. Reina a anarquia na órta e se me não endireito com os legumes e ortaliças, dentro em pouco começa a grelar a revolução e o teu pobre amigo vê-se sem fava no ultimo quartel da vida.

—Homem, deixa-os revoltarem-se, sem

pre pódés aproveitar-te da castanha. Mas, nada de nabos em sacco, que desejas de mim?

—Um pequeno favôr que é ao mesmo tempo um grande serviço.—Fazes-me esta semana o *Chá e Torradas* para o *Asulejos*?

Um raio que me caísse aos pés não me teria assombrado mais. Dei um pulo na cadeira e um murro sobre a mēsa. O *taréco*, assustado, inicia uma carreira doida, salta ao aparadôr e quebra uma garrafa de olio de figados de bacalhau; ouve-se uma gargalhada argentina do meu filho mais novo, que vê na olosa catadupa uma trégua á ingestão da nauseabunda dróga e o Braulio boticario, que assistiu ao desastre, esboça um sorriso ironico, lembrando-se que, no dia seguinte, lhe vac cair mais uma caravéla de cinco tostões na sebenta gavêta da sebentissima botica.

—João, exclame! quasi apopletico, a amizade é uma coisa santa, mas o sacrificio tem limites. Esqueces a caso, ortelão infeliz a quem o vendaval poz as uvas em pisa, amigo de cincoenta annos cujas mãos foram açoitadas pelas mesma palmatoria que as minhas, companheiro larapiadôr de massarócas nos milharas alheios...

—E que bôas que ellas eram, grunhiu o João Pacifico num extase de gulodice.

—Não m'interrompas, emudece e ouve, falso amigo, que ha dez lustros borboleteias em volta da candeia do meu afêto e esqueces... que detesto o chá e tenho horror ás torradas... João, João... eu não te merecia similhante vilipendio.

Dizendo isto, senti-me comovido; ao mesmo tempo conheci que o canto do ôlho esquerdo se me humedecia. Levei a mão ao rôsto para occultar essa lagrima, penhór do meu acrisolado sentimento, mas retirei-a envergonhado... Era uma gôta d'olio de bacalhau que tinha resaltado para a minha cara.—Olhei para o Pacifico: estava sentado na minha frente, com a cabeça pendida, sem se atrevêr a fitar-me fazendo festas ao *taréco* que lhe lubrificava as mãos

e calças com uns restos do nutritivo medicamento.

Fez-se um grande silencio e se não fosse a ásmo do boticario que punha uns tons de silvo de locomotiva naquêl quadrado, dir-se-ia que estavamos no pólo norte ou nos espaços interplanetarios.—De repente o João esguichou esta frás em voz sumida:

—Perdôa Manoel, mas tu calunias a melhor das bebidas, olha que o chá, forte, quente e com muito assucar...

—Oh! o assucar..., exclamei, eis a primeira pedra d'escandalo. Escuta João! Infante ainda, minha avô Miquelina, conhecêste?... tinha um lobinho no queixo, lembras-te?... o que lhe dava um ar de quem tinha sempre uma cabaça pendurada na bôca. Coitada, Deus a tēha no regaço d'um anjo, apesar das arrelias que me metteu no corpo. Pois a avô Miquelina... raios a partam... obrigava-me a bebêr chá sem assucar a pretexto de que o doce fazia lombrigas...

—Mas batia se tôdas as manhãs com uma pratalhada de pápas de milho temperadas com meio quartilho de mél, zumbiu o João Pacifico lambendo os dedos e confundindo, por sugestão, o olio de bacalhau com o conteúdo d'um favo.

—Ao mais leve desequilibrio gastrico ou intestinal, abarrotavam-me de chás de macéla, d'erva cidreira, de casca de pepino, de pés de ginja, etc., etc. todos amargos como desenganos e, está claro, sem assucar...

Mais tarde, quando a seiva da adolescencia me queimou as veias, não podia fazer o meu pé d'alferes a qualquer pequēna, que ella me não respondesse logo: ora... isso é chá. Sr. Manoel Guerreiro e viravame as costas... Por isso, nem chá, nem torradas, que a sua espôsa e tão bôa como elle.

.....
Quem fez o chá e as torradas foi a Maria.

MANOEL GUERREIRO



NOTAS SCIENTIFICAS

Chronica

Um modo de ver de Mæterlinck a respeito da fisiologia do olfacto.

O olfacto é efectivamente o mais inexplicado dos sentidos humanos.

Ninguém contêsta, porque é evidente, que a vista, o ouvido, o tacto e o gôsto são indispensaveis á nossa vida animal e que é necessaria uma longa educação para que possâmos apreciar devidamente as fôrmas, as côres e os sons. Não é menos certo que o olfacto exerce funções servis e das mais importantes, assim: podêmos afirmar que é elle o guarda portão do ar que se respira, o higienista e o quimico que vêlam sem descanço pêla bôa qualidade dos alimentos que nos são oferecidos, porquanto, as emanações desagradaveis indicam a presença de germens suspeitos ou perigosos.

Mas, e aqui é que bate o ponto, concurrendo com esta missão pratica e salvadôra, apparece-nos no olfacto, outra que, aparentemente pelo mênos, não corresponde a coisa alguma verdadeira e profundamente util. Querêmos falar dos *perfumes* que são absolutamente inúteis para a nossa vida física, podendo até, por violentos ou em virtude da sua permanencia, tornarem-se francamente hostis e mêsmo assassinos.

Ha, no entretanto, em nós, qualquer coisa, uma como faculdade especial que os ama, que se deleita com elles e que, mal os descobre, vem por meio dos nêrvos olfactivos, dar ao *sensorium* a bôa nova da chegada d'alguma coisa que cheira bem, e isto com tanto entusiasmo e convicção, como se se tratasse da descoberta dum fructo esplendido, duma bebida deliciosa.

Esta inutilidade (sic) merece que nella fixêmos a atenção, porquanto nos parece que, sôb este *nada* deve existir, escondido e bem escondido, um bôlo e esplendido segredo.

Reparem bem: este caso dos perfumes é o *unico* em que a mãe Natureza nos oferece gratuitamente um prazêr, nos faz presente d'uma satisfação que não oculta ardidamente uma *necessidade*.

E' pois, forçoso é confessional-o, o olfacto o *unico sentido de luxo* com que fômos mimoseados pela Creação. Parece até, quasi estranho ao organismo, ou, pelo mênos, não estar estar agarrado a elle com a tenacidade dos seus quatro companheiros.

E' um aparelho que se desenvolve ou que se atrofia?

Uma faculdade que adormece ou que desperta?

Para nós, é uma faculdade e um apa-

rêlho que evolucionam a par da civilização humana.

Compulsem os livros em que os nossos antepassados deixavam marcadas as suas impressões e digam-nos quaes os perfumes a que se referem quasi exclusivamente?

Aos mais fortes, pesados, brutaes, deixem-nos dizer assim: *incenso, mirra, beijoim* e quejandos acres e estontêantes odôres. Quanto ao arôma das flôres... só excepcionalmente se faz menção d'elles nos poêmas grêgos e latinos e na literatura hebraica.

Em contraposição, o que vêmos hoje? Encontra-se por acaso um camponio, rude, obtuso, analfabêto, aspirando, mêsmo durante uma longa hora de repouso, o perfume duma rosa, dum heliotropo, dum jasmim?

Qual é o primeiro gêsto do habitante da cidade, do homem culto, civilizado, intelectual, ao vêr uma flor?

Pegar-lhe delicadamente e aproximal-das narinas, sorvêr-lhe o arôma que o estonteia e que, por assim dizêr, lhe sacode e arrebatá tódo o *seu eu intelectual*.

Não é pois gratuitamente que podêmos avançar que no nariz do homem está o criterio da sua intellectualidade e da sua civilisação e ninguém nos poderá alcinhar de nefelibatas ao apresentarmos fundados no que acabâmos dizer, a opinião de que o olfacto deve ser o irmão mais novo dos cinco sentidos do homem e talvez o unico entre elles que não estêja em *via de regressão*... por mais que este modo de ver pése á biologia ortodoxa.

Pôsto isto e seguindo esta orientação, o nosso dever de homens cultos, civilizados e investigadôres, será certamente estudar minuciosamente tudo que diga respeito ao olfacto, apreciar as sensações que nos fornece, investigar se essas sensações fazem brotar no nosso cerebro novas faculdades ou desenvolvêr as que apênas se encontravam esboçadas; comparar a maneira como apreciamos os pesares e as alegrias antes e apoz a aspiração d'este ou d'aquelle arôma. Emfim, desenvolvêr o *sentido e faculdade* de tal modo que, um dia, os nossos vindouros possam dizer que *elle* atingiu e igualou, por exemplo, a perfeição do aparelho visual, ou mesmo a do proprio olfacto no cão, que vive tanto pelos olhos como pelo nariz.

Antes de procurar chegar ao pólo norte, de resolvêr o problêma da navegação aëria, de querer encontrar os segredos das entranhas da terra ou dos astros que povoam os espaços sideraes, lembremô-nos que ha no nariz do homem um mundo a explorar e, quanto a nós, feracissimo em surpresas.

ARIOSTO PALMANDO

O Eu

O Eu é alguma coisa que:
 *Pensa sentir e querêr.
 *Sente querêr e pensar.
 *Quer pensar e sentir.
 *Pensa que pensa.
 *Sente que sente.
 *Quer querêr.

GONZALEZ SORIANO

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus
ao Espiritismo

(Continuação)

Vejamos outras definições, que transcrevo ao acaso e taes como vieram, ora espontaneamente, ora provocadas.

ALMA. — «Portion de substance que Dieu distrait de la force universelle pour chaque individualité». (Porção de substancia que Deus tira da força universal para cada individualidade).

Esta frase tem uma palavra a mais, mas abstrahindo d'isso, como ella é admiravel e profunda!

E esta, não menos bella:

LIBERDADE. — «Faculté donnée à l'homme de méconnaître le but de sa destinée — malheur». (Faculdade dada ao homem de não reconhecer o fim a que é destinado — desdita).

ESPIRITO. (No sentido de engenho, senso). — «L'esprit est la raison du sentiment; le sens est le sentiment de la raison». (O espirito é a razão do sentimento; a sensatez é o sentimento da razão).

FORÇA DIVINA. — «Force universelle qui relie les mondes et embrasse toutes les autres forces». (Força universal que encadeia os mundos e contém em si todas as outras forças).

ANIMO. — «Spontanéité du sentiment dans les actes, dans les idées, dans leur expression». (Espontaneidade do sentimento nos actos, nas idéas, na sua expressão).

Perfeito!

ESPIRITO. — «Luxe de la pensée, coquetterie harmonieuse des rapports, des comparaisons, des analogies». (Luxo do pensamento, garridice harmoniosa das relações, das comparações, das analogias).

Encantador!

IMAGINAÇÃO. — «Source des désirs, idéalisation du reel par un juste sentiment du beau». (Fonte dos desejos, idealisação do real por um justo sentimento do bello).

Cada vez melhor!

MAGNETISMO. — «Force animale, enchainement des êtres entre eux, lien de la vie universelle». (Força animal, encadeamento dos seres entre si, vinculo da vida universal).

Perguntámos: o que é a luz?

Ella responde:

— «Divinité, toute puissance, âme des âmes, corone des mondes semés dans l'infini». (Divindade, omnipotencia, alma das almas, corôa dos mundos disseminados no infinito).

— E A MATERIA?

— «Producto da Essencia infinita, manifestação divina finita».

— E O HOMEM?

— «Grau principal da escala dos seres terrestres».

— E O ANIMAL?

— «Vegetal organizado, potencialmente».

— O que é DEUS?

— «Unidade absoluta, infinita, universal, parte de todos os todos, todo de todas as partes».

E a meza, sem duvida para completar esta definição, ensina-nos esta admiravel prece:

«Vida universal, divino poder,, movimento infinito, força unica, moral eterna, fé unitaria, verdade absoluta, Deus!»

Faze que a associação dos homens se solidarise pelo amor, pela sciencia; que se adiante na patria procreavel».

Por melhor vontade que tivessemos de nos limitarmos ao papel de experimentadores, não nos era possivel ficar indifferentes a certas afirmações d'esse interlocutor mysterioso que oppunha e impunha a sua estranha personalidade com tanta clareza e independencia, superior a todos nós, pelo menos na expressão e na concentração das ideias, facultando-nos ás vezes certas summulas cuja intuição consciente cada um de nós confessava de boamente nunca ter tido.

Quando nos vinha alguma d'essas grandes e bellas frases encerrando todo um mundo de pensamentos na tão restricta formula de doze palavras, imposta pelo nosso capricho, não podiamos realmente deixar de sentir certa emoção. Mas a nossa admiração tinha limites, e pelo que diz respeito ás doutrinas que essas communicações envolviam, guardavamos prudentemente as nossas reservas. Algumas vezes chegámos mesmo a repellil-las abertamente, violentamente.

A mais grave lucta d'este genero sustentámos teve logar a proposito de uma definição da morte que parecia pôr em duvida a perpetuidade da vida.

Que quer isto dizer, exclamámos nós. As tuas palavras significam acaso que a personalidade moral se dissolve e que a morte é o aniquilamento final? Não foste tu o proprio que nos dictaste as linhas seguintes:

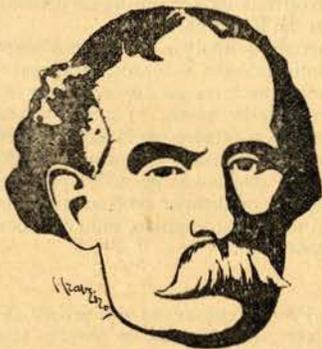
«O homem é attributo da vida planetaria. Só elle tem o poder modificador sobre si mesmo e sobre os objectos que o cercam. Elle supprime Deus, de quem emana para o progresso material».

Quem é então esse Deus do qual nos falas incessantemente, esse Deus «de quem emanamos» e que nos abandona desdenhosamente, corpo e alma, á dissolução irremissivel do sepulchro? Melhor era que nos deixasses em paz! De que serve então o tratarmos de nos elevar, e trabalharmos no nosso aperfeiçoamento? Quanto mais subirmos, maior será a queda; quanto mais adquirirmos, mais perderemos. Logo, aprender, melhorar-se, enobrecer-se, não passa tudo de um acervo de tolices, e todos os amantes do bem que se empenham em aperfeiçoar esses balões d'agua de sabão a que chamamos almas e consciencias são immensamente nescios em se agitar em n'esse vacuo e em trabalharem por esse nada!

A meza deixou-nos fallar, e nem uma letra, nem o mais pequeno movimento.

(Continúa)

Mascaras illustres



Latino Coelho



O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Alfredo, quiz escusar-se, mas accitou, para não offender tão amavel gente. Passados instantes, guiado por Manuel, dirigio-se para o quarto que lhe fora destinado.

— V. Ex.^a deseja alguma coisa?
— Não, meu rapaz, obrigado, agora só preciso de dormir; boa noite.
— Deus Nosso Senhor, lhe dê uma boa noite; com sua licença, e sahio fechando a porta apòz si.

Alfredo, deixou-se cahir numa cadeira, começando a analysar tudo quanto o rodeava.

O quarto compunha-se de um aposento de regulares dimensões, com uma ampla janella de correr, que deitava sobre a quinta.

As paredes, caiadas de branco, todas salpicadas de pintas azues, uzo muito em voga nas nossas provincias da Extremadura, principalmente nos quartos de cama. O teto de madeira tambem branco, exhibia em toda a sua volta, no friso saliente, numerosos cachos de uva, romãs e maçãs, fruta guardada para o inverno e que espalhava no ambiente agradável perfume.

Uma esteira algarvia, cobria parte do sobrado; o leito de madeira preta, era antiquissimo, de altas cabeceiras tornando bico; se bem que excelentemente conservado, dava logo a conhecer, que já tinha visto passar sobre elle, uns bons oitenta annos. Travesseiros, almofadas e lençoes de alvo linho finissimo, ostentavam largos folhos de cassa; a coberta era branca e escarlate, tecida na terra.

O alto colchão de lã, convidava ao repouso. Defronte do leito, uma commoda, com um toucador em cima tendo de cada lado uma jarra prateada, cada uma com seu ramo de feno e semprevivas, um cestinho feito de pevides de melão e cestos de vidro, uma pregadeira, bordada a missanga e trez ou quatro cabaças como laranjas, todas cheias de verrugas, chamadas cabaças de enfeit.

A um canto um lavatorio coberto com duas toalhas, tambem de alvissimo linho, e duas cadeiras da idade do leito, compunham o mobiliario do quarto.

Pelas paredes, algumas oleographias, representando vidas de santos e idyllos campestres.

Alfredo despia-se e foi com verdadeira voluptuosidade, que se aninho nas appetitosas roupas, das quaes se evolava um suave perfume a trêvo, devido ao costume que ha no campo, de espalhar por entre as roupas, mólhos desta aromatica planta.

Bocejou e murmurou: «É bem galante a pequena...» e assooprando a luz, dispoz-se a dormir como um bemaventurado e a sonhar por certo com Carlota, que o perturbára tão extraordinamente.

Depois de um somno de oito horas, levantou-se fresco e bem disposto, tendo de se resignar a vestir novamente o fâto do campones, pois o seu estava ainda encharcado.

Abrio a janella, para vêr que tal se apresentava o dia; o sol brilhava pallidamente, de espaço a espaço encoberto por grandes nuvens brancas; o aspecto dos campos causava tristeza.

Encostou-se ao peitoril da janella pensando na gentil rapariga que tanto o impressionára na noite anterior, quando foi despertado dos seus devaneios, por duas leves pancadas, batidas directamente na porta do quarto.

— Entre quem é.
A porta abrio-se, e a fisionomia franca e sympathica do lavrador, appareceu no limiar.

— Deus dê muito bom dia a V. Ex.^a Que tal passou a noite? muito mal, não é verdade?

— Admiravelmente, meu amigo, hu muito que não durmo oito horas seguidas.

— Ora ainda bem, eu estava com medo que V. Ex.^a não gostasse cá dos nossos pobres arranjos.

— Creia que esta bella noite, me hade lembrar sempre, assim como da sua franca e excelente hospitalidade.

— Muito obrigado a V. Ex.^a

— Agora, meu cáro amigo, peço-lhe mande aparelhar o meu cavallo, pois quero partir já, para não dár cuidado a minha tia, que talvez já esteja, anciosa; e amanhã mandarei por um creado o fâto de seu filho.

— V. Ex.^a não quer almoçar?

— Não, senhor Antonio, muito lhe agradeço os seus bons desejos, mas estou com pressa de abraçar minha tia.

— Mas não hade partir assim em fraqueza, ao menos um cópo de leite acabado de mungir e um biscoito, hade aceitar.

— Não recuso.

O lavrador sahio, e passados instantes appareceu Carlota, mais adoravel que nunca trazendo um odorifero cópo de leite e um prato com biscoitos, que apresentou com timidez ao mancebo.

Alfredo, ao vê-la, apressou-se em lhe tirar das mãos o cópo e o prato, que pousou em um movel proximo e envolveu-a n'um olhar que a fêz enrubescer.

— Quanto lhe agradeço ter vindo disse-lhe sorrindo ao notar-lhe o embaraço. Como é graciosa! que felis deve ser aquelle que possui o seu amor!... Diga-me, Carlota, quem é o seu noivo?

A pequena cada vêz mais enleada, respondeu baixando os olhos.

— Não tenho noivo.

— Pois quê, Carlota, não tem namorado?

— Não, nunca o tive.

Perante o gesto de estupefacção do mancebo, ella sorriu e dispunha-se a sahir, quando Alfredo lhe tomou da mão, dizendo-lhe com assento apaixonado:

— E se eu lhe dissesse que a amava, dár-me-hia o seu amor?

— Talvez... disse muito baixo tentando retirar a mão, que o engenheiro retinha ainda nas suas.

Elle não lh'o consentio e curvando-se beijou a linda mãozinha da joven.

Carlota, sentindo-se vibrar ao contacto d'aquelles labios roçando a sua fina epiderme, fugio, dizendo já no corredor.

— Adeus, senhor...

— Adeus, não, Carlota, até muito breve...

Decorridos instantes, o moço engenheiro, tendo-se despedido com affecto de aquella boa gente, partio para a sua quinta, onde a sua velha tia habitava.

Quando montou a cavallo, olhou para as janellas da casa do lavrador e encostada a uma dellas, melancolica e pensativa, via Carlota, que o seguia com a vista turvada de lagrimas...

Saudou-a, como se ella fôsse uma rainha, com a mais requintada galanteria e partio a galope.

Passaram dois mezes. Alfredo não tornara a casa do lavrador. Não porque tivesse esquecido Carlota, porem um acontecimento inesperado, forçou-o a partir, no dia seguinte á sua estada em casa do ti Tonio, para Lisboa.

Recebera um telegramma, annunciando-lhe que o padrinho, quasi seu pae, estava moribundo, e sendo elle o seu unico herdeiro, tivera apoz a sua morte, de demorar-se aquelles mezes liquidando a herança.

Carlota, mais melancolica do que nunca, pensava nelle constantemente, e uma pergunta revolteava incessantemente no seu espirito:

— Voltará elle? ...

Porem, o mancebo não tornou, e ella entristecia cada vèz mais...

O olhar errava no vago, como vendo alguma coisa a todos invisivel e só perceptivel para ella... o roxo que lhe sulcava os formosos olhos, era agora mais profundo... todavia, sempre linda sempre adoravel, apezar da sua pallidez se accentuar em cada dia que passava, que era mais uma esperança que morria.

Chegou abril, esse mez tão encantador.

Numa manhã, Carlota, tendo sonhado com os amores de Magdalena e Luiz, levantou-se na disposição de ir á quinta dos Choupous, agora abandonada e vêr o caramonchão onde se encontravam os dois amantes.

(Continúa.)

PRÓ JUDAS

Descer até ao lar onde a Miséria
Galga humbraes impávida e estortega
De fome, frio e dor's, com furia cega,
Mulher de Corpo magro e tez funerea;

Sentir que dentro em pouco a Morte fere-a
E no pódre Monturo a descurrega;
E saber que da Vida se despega
Porque ao Luxo antepoz escassa Feria;

Faz de pena roer-me cá por dentro...
E perceber em mim de que rude
De perguntar ao Mundo: tu que estudas,

Como podes — e a ideia em vão concentro! —
Pregar na Cruz da Fome a sã Virtude,
E sustentar teu odio contra Judas?

BENTO MANTUA.

«O Camões» de Theophilo Braga

Oiro puro este livro de Theophilo! Sem os requintes que sempre evitou, da cultura da forma, preocupação que perdeu os homens da Renascença, a prosa de Theophilo rebrilha como a mais fulva pepita pela pujanca extrema d'aquella erudição phantastica, pela sinceridade que se antevê identica no homem, e pelo patriotismo que d'elle irradia. Prosa transbordante, assim a definiu Ramalho. Obra perfeita onde a philosophia attinge o «maximum» das suas funções especulativas e onde sobre as tradições, sobre os documentos até agora desconhecidos, é projectada a mais intensa luz. Tudo ali é detidamente analysado, naquelle laboratorio litterario-social, tudo alli transpõe o cadinho de fusão em que os elementos agora inuteis se perdem, e cujos bordos transpõem as hypotheses plausiveis e os axiomas irrefragaveis.

Theophilo Braga não aborda simplesmente o problema, já de si complexo, de estudar a vida e obra de Camões. Estuda

o «espirito moderno» aquelle que nós (herdeiros directos da raça ligurica) fizemos brotar dos nossos descobrimentos ao deixarmos de ser um banal prolongamento da Espanha.

Theophilo analisa esse movimento, discriminando-lhe as fontes, atravessando como nassa as terrenas camadas por onde a roma delle brota, e mostrando-nos, desenhado o quadro ao largo, como esse manancial uberrimo estancou, sorvido o intellecto das novas gerações pelo espirito desnacionalizador do jesuita que inutilizou todo esse impulso, todo esse nosso nobre esforço.

A Proto-Renascença do seculo XIII dissolvera se pela falta de objecto scientifico. Só baseada na crença, murchou. O unico elemento vivido dessa phase está em Petrarcha dando a maxima expressão ao lyrismo trovadoresco, fazendo reviver o amor pelas letras greco-romanas. Mas a Edade-Média não soube comprehender os classicos, viu-os a través das suas proprias eras. Os greco-romanos foram, sim, conhecidos na Edade-Média, mas não foram comprehendidos senão na sua parte externa, no apparato magico. E mais tarde quando na Renascença os textos antigos se vulgarisaram pela Imprensa, a Igreja aproveitou as ideias e a moral greco-romana para a propaganda das suas ideias.

Eis o porquê da sua queda.

Ora exactamente essa falta de base scientifica que faltou á Renascença do seculo XIII, cedemo-la nós á Renascença do seculo XVI com o espirito scientifico que fluiu das nossas descobertas. E' influenciado pelas nossas idéas que Colombo faz a sua descoberta, é influenciado pelos nossos descobrimentos que Copernico expõe o seu novo systema.

Camões aproveitando esse momento em que a nossa accção impulsionava tão fortemente a obra do Renascimento, Camões fundindo as tradições medievas com a base toda scientifica do seculo XVI, projecta os Lusíadas, escreve-os, dando-nos o ultimo elemento para a constituição da nossa Nacionalidade. E' quando os poetas fidalgos partiam para a India a mercadejar que Camões idealisa os nossos descobrimentos. N'estes tempos de apagada e vil tristeza. Dizem-no claramente a lista dos assentos da Casa da India.

«... Mercadejar

«Por baixaze se havia

«Em alteza se tornou...»

«E o Rei era o primeiro» acrescenta a sr.^a D. Carolina Michaelis.

Só os nossos descobrimentos poderiam fazer levantar a já cansada Renascença, e só Camões lembrando ao seus vis compatriotas essas eras de ouro e azul, tinha a força necessaria para mostrar-nos que Portugal era um povo, com lingua sua, territorio, tradições; que era soberba a sua nação, que era emfim uma Nacionalidade, infelizmente expirante. Portugal tinha nome — só lhe faltava um cantôr — E' sobre elle o estudo de Theophilo.

Entrando directamente no assumpto, Theophilo relata a lucta entre Pedro o

Cruel e o bastardo Henrique e a vinda consequente, para Portugal, de Vasco Pires de Camões, 3.^o avô do poeta. Depois de destrinçar nitidamente toda a linha geneologica da familia, Theophilo sobre a naturalidade de Camões declara-se por Lisboa, fundamentando-o solidamente. Fixa tambem a data: 1524. Se bem que conhecida esta, no emtanto Storck, contradizendo Theophilo dizia: «T. Braga fixa a data de 1524 para merecimento do poeta, por este alludir a «estrellas infelices». Se bem que houvesse prenuuncios em 1524 de que era o fim do mundo não nos consta que em Portugal houvesse esse termo». T. Braga cita porém um folheto escripto por Fr. Antonio de Beja que a rainha D. Leonor encarregára de fazer desarreigar do povo a ideia assustadora.

Nasce pois Luiz de Camões em Lisboa a 1524, filho de Simão Vaz e D. Anna de Macedo. Quanto ao local da naturalidade, como dissemos, decide-se por Lisboa, apoiado na asserção de Manoel Corrêa, derrubando depois com facil argumentação as pretensões das outras terras que o pretendiam ter por seu filho.

Theophilo Braga desenha em seguida (p. 169 — 248) a figura de D. Bento de Camões, a influencia que elle teria na educação do joven Luiz Vaz, influencia que compára á do tio de Garrett sobre este. Insere em seguida o quadro dos estudos em Coimbra pelo quinquennio 1537-48, quadro que nem Juromenha nem Storck conheceram. Acabados os seus estudos em 42, Camões regressa a Lisboa, á casa paterna, pois que Simão Vaz voltára com a côrte, de Coimbra, depois de extincta a peste que motivára a retirada áquella.

(Continúa.)

JOÃO DE MAGALHÃES COLLAÇO

Perguntas e respostas

Quanto dista o verdadeiro do falso? O que vale das orelhas aos olhos.

Qual é o mais infeliz estado? O em que não ha esperança.

Qual é o vicio mais disfarçado? O que parece virtude.

Qual é a coisa que mais alegra? Um desejo conseguido.

Qual é a coisa mais ligeira? O pensamento humano.

Qual é a mentira mais facil de se crer? A que se diz ao amigo.

Qual é a melhor espada? A prudencia.

Qual é a melhor memoria? A do bem que se recebeu.

Qual é a coisa que ninguem pode disfarçar? O enfado quando espera.

Qual é o melhor cabedal? O da sciencia, credito e fama.

Qual é a coisa que mais depressa envelhece? O beneficio.

Qual é a coisa mais suave aos homens? Aquillo a que se costumaram.

Qual é a mais difficultosa empresa? Contentar necios.

Qual é a pedra de toque para o homem? O dinheiro.

Qual é a coisa mais facil? Dar conselho.

Qual é o melhor incentivo para os artistas mentirem nas obras, que se lhes encommendam? Pagar-lhas adeantadas.

Qual é a coisa mais difficil? Conhecer-se a si mesmo.

Qual é a coisa mais sabia? O tempo porque elle consegue tudo.

O ABBADE DE CASTRO.

IDYLLIO Á BEIRA-TUMULO

Na vespera, durante a noite e durante a madrugada, trovejara sempre, e a chuva, que os relampagos cortavam, de cores prismáticas, instantaneas, cahira em grossos cordões no chão profundamente alagado.

Mas, de manhã, pelas 11 horas, o céu clareara de todo, o sol refulgia como uma linda joia, e no ar arfava aquelle calor humido dos dias de maio, que faz apodrecer os mortos e vicejar as rosas.

O cemiterio e a morada do prior eram fronteiros, servindo-lhes de raia unica, uma azinhaga, quasi sempre deserta, e suspeita de dar acolhida por horas mortas a almas penadas e a ratoneiros.

Duas altas scêbes de ágaves e de roseiras bravas emparedavam a azinhaga, rasgada em terra de hortejos, rumurosa de zumbidos e vibrante de elytros de insectos; no chão molle jaziam como vidros sujos largas poças, que a terra argilosa não bebeu, e que a luz calida do sol evaporava apressadamente.

Dois namorados caminhavam, rindo, saltando em busca dos espaços seccos, e perseguindo as borboletas de azas brancas, que doí-dejavam irresolutas, de uma para outra seibe.

Sobre o muro caído do quintal do prior, bom pedaço de terra, rescendente de alfazema, fertil em flores e fructa, alastrava-se ao alcance da mão a copa verdinha das cerejeiras que parecia pingada de sangue, pelo chuveiro de fructos maduros, que ostentava soberba. Pobres cerejeiras! Mal sabe o infeliz padre a ruína que lhe vae por casa.

E, ainda com as mãos cheias de cerejas, porque ladrou o cão, entraram ambos no cemiterio. Então foi uma corrida alegre pelo meio dos tumulos, o rapaz procurando adornar a orelha da rapariga com um par de perolas rubicundas, a rapariga tentando esquivar-se-lhe.

Inundados de luz solar, os mausoleus novos offuscavam de alvura, velando com a candidez do revestimento a hediondez do conteúdo; enquanto que a espessura aspera dos cyprestes, que os cercam, vae até á negridão profunda; em outros mausoleus, antigos, visitados de muitos invernos, o velludo escuro do musgo servia de presa ás garras das trepadeiras, que com a sua fresca veste, quasi encobriam, ao olhar indiscreto, as velhas cruzes já deformadas e já superficialmente carcomidas.

Por uma e outra banda, nas collinas

que a vista circumvagava, os arvoredos, sobre que passou o torvelinho do temporal, não bracejavam desevoltos, e, em algumas searas, o trigo desaprumou-se, abatido pelo pedrisco da noite. O rio ia de levada, roncando nos açudes, turvo e arrebatado.

Obedecendo á fadiga e á soalheira, os namorados pararam um instante atrás dos ramusclos sombrios de um cypreste, inspeccionando do alto do cemiterio as

Morrer assim, sem uma caricia na vida, sem uma lagrima na morte... Mas despovoado o cemiterio, depois da funebre cerimonia, a tristeza occulta que a opprimira, pura emanção do instincto materno ainda adormecido, evolou-se, fugitiva, como revoada de aves lugubres, nocturnas, expulsas para bem longe, para sombrio tegurio, pelos fogos da alvorada.

Deram alguns passos pelo terreno agreste, semeado de campas rasas, que terminava o cemiterio d'aquelle lado, e seguia depois, em charneca de matto intenso e florido, até á muralha de penedos sobreposta ao rio como barreira contraria a violencias imprevistas da corrente,

Já de sepulturas antigas tinham extrumado corpos semi-copsumidos, mas interrompido esse trabalho, ossos avulsos juncavam o chão, como se a terra refarta, os repellisse.

O João, alheio ás desanimadoras considerações, inspiradas por immundos despojos, que apregoavam com voz do horror, o nada da felicidade, a inutilidade do esforço, a vacuidade do orgulho dos miseros humanos, egoista como se é quando se tem vinte annos plenos de saude e de robustez, apavorava a rapariga impellido com o cacete os craneos que encontrava a eito e, que rolavam, incertos, com um ruido de

ócço. Duas roseiras, caprichosamente enlççadas, toldavam de verdura lustrosa, e de rosas brancas, o jazigo, isolado, de uma familia de merceiros. A sombra amiga d'essa folhagem, unica sombra no deslumbrante scenario, fustigado em cheio pela crueza da luz esplendente, protegia agora aquelles corações em flor, que batiam apressados.

No silencio, que pairava pelos campos, e que os enleivava, perturbador, ouviu-se perfeitamente rastejar por allí uma lagartixa em zig-zag. Sentaram-se, sorrindo, subjugados pela alegria de se sentirem bem vivos, ouvindo cantar, no fundo da sua alma ingenua, a primavera da vida, a primavera do anno, a primavera do amor.

Lisboa.

SOPHIA DA SILVA.

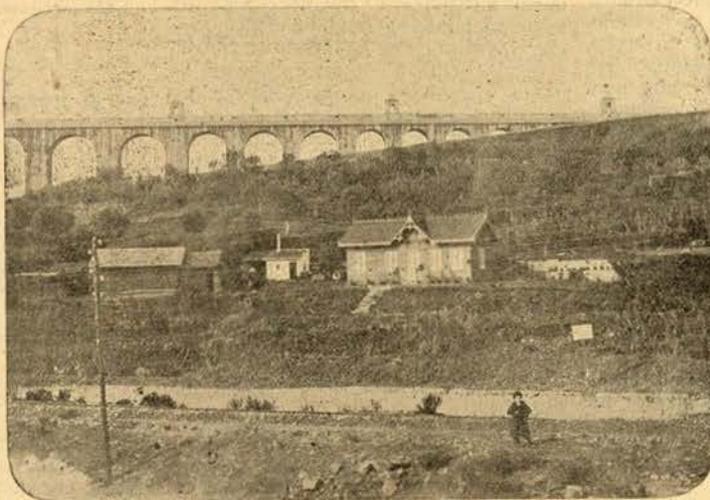
Cumulos

Fazer troar os canhões d'um sobretudo.

Pôr uma funda a um quebrado improprio.

Absolver a ré de um navio.

Portugal pittoresco



CAMPOLIDE — AQUEDUCTO DAS AGUAS LIVRES
Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Maria Lopes

avarias dos trigaes, das sementeiras e dos bacellos.

— Sabes, João, o engeitadinho da ti Maria cahiu abaixo dos penedos. Colheram-no hontem allí, ao pé da azenha...

O João assobiava, tão indifferente-mente á formosura da paisagem como á narrativa do desastre.

Parece que, respondendo áquella evocação, entraram no recinto algumas pessoas acompanhando um pequeno esquife conduzido por creanças. Uma das mulheres, tardiamente compadecida disse:

— Coitadinho! Que morte teve a creancinha.

Outra censurava a Misericordia por ter confiado a creança á ti Maria. Nenhuma d'ellas, decerto, tinha pensado em acaricialo quando elle, penando a soledade em que o deixara o abandono dos paes, errava no campo, sosinho, soffrendo ainda a descaridosa falta de affeição da ama.

A rapariga espreitou na humilde e deradeira caminha, a creancita, roxa, quasi negra de livores que a submersão iniciara, e a calma esverdinha.

Apenas a viu, todo o seu debil corpinho de dezeseis annos estremeceu sob uma sensação intraduzivel, semelhante ao calafrio que passa na epiderme quando se ouve um rangido de dentes.

Se ella tivesse um filho... Se elle...

Hippismo

Meios a empregar e regras a seguir para pôr um cavallo em perfeitas condições de fazer uma marcha de resistencia.

(Conclusão)

Agora é preciso cuidar também do arceio.

É necessário ter um selim adaptado ao cavallo, de modo que, depois de apertado, elle se não desloque, nem o fira. Quando se tira devem-se-lhe examinar os suadores, afim de ver o seu estado, se estão rotos ou descolados do arção. Se elle magôa ou fere o cavallo, o que se conhece melhor passada uma hora depois de tirado, do que na propria occasião, pensa-se a ferida, banhando com vinho morno o sitio onde o cavallo esteja maguado, ferido ou mesmo esfolado, e polvilhando-o depois com alvaiade.

O tratamento continua-se com banhos adstringentes, empregando o extracto de saturno ou o acetato liquido de chumbo. Seccam-se os suadouros do selim ao sol ou ao fogo e batem-se muito bem com uma chibata para evitar que endureça e váo aggravar o mal.

É necessário tomar n'isto muita attenção, porque muitas vezes dá cauza a que os cavallos emmagreçam durante uma longa jornada, ainda que o selim tenha sido bem collocado e igualmente apertado.

No percurso, sempre as sellas alargam e o selim corre para diante, para o garrote do cavallo, ou para traz para os rins. Se isto acontece é necessário estofar as estremidades ou no cepillo ou no arção.

Quanto á cabeçaça, deve ser solida, e de bom coiro, de modo que se colloque facilmente no cavallo, tanto para o enfrear como para o prender á manjadoura. O freio deve ser bem limpo e leve para que o animal não pese na mão, quando começa a cançar-se.

A barbella para não ferir deve ser forrada de feltro, devendo mesmo o cavalleiro levar-o comsigo, porque pode haver necessidade de o applicar.

É preciso um grande cuidado com as ferraduras, para que a marcha se faça regularmente, e não applicar *rompões* nas ferraduras dos membros anteriores para não fatigar os tendões.

Quando se viajar no verão, são convenientes os rompões nas ferraduras dos membros posteriores, por causa das moscas que affligem muito o cavallo com ferroadas no ventre, as quaes o animal tenta evitar com os pés de modo que, quando as saccode, o faz com grande energia, a ponto de abanar a ferradura e até mesmo de se desferrar.

É necessário ter muito cuidado com o casco, untando-o todos os dias, sobre tudo quando o tempo está secco e quente, porque o faz seccar e rachar, occacionando facilmente a desferra do cavallo.

É bom examinar se o cavallo se alcança com a ferradura, afim de evitar este inconveniente, pois se alguns cavallos andam com indolencia, — outros ha que avançam as pernas de modo que alcançam os membros dianteiros.

Para qualquer accidente que possa haver no casco ou na ferradura, o cavalleiro deve levar comsigo cravos, martello, etc., e a ferradura de coiro, que é uma calça com uma ferradura pregada, que se emprega quando o animal se desferra e fica ainda distante o ferrador.

Este genero de viagem reclama, da parte do cavalleiro, uma grande attenção para poder regular, segundo o estado moral e physico do animal, o seu andamento e regimen. O cavalleiro, uma vez no selim, jámais se deve abandonar, para não transmittir esse abandono ao cavallo e sempre sentir a sua montada entre as pernas e a mão, o que mais lhe facilitará a marcha e regularidade do andamento. Trata-se, enfim, de triumphar de todos os contratemplos sem se deixar vencer por elles e sem extenuar a montada.

Em resumo: que o cavalleiro aproveite para a corrida de resistencia o que o Arabe diz com respeito á nutrição:

«La ration du matin va au fumier, celle du soir á la croupe».

Quanto aos andamentos, diz o inglez: «Nas subidas não me apresses e nas descidas não me abandones. Em plano não me poupes. E na cavallariça não me esqueças.

Lisboa, 20 de novembro de 1907.

JOÃO GAGLIARDI.

Esperar por sapatos de defunto

Muitos são os adagios e phrases proloquiaes da nossa lingua, cuja origem é hoje inteiramente desconhecida; porém outros ha que ainda lh'a podemos rastrear, investigando os usos e costumes dos nossos avoengos.

Um d'estes adagios é o que frequentemente repetimos quando queremos inculcar algum successo que tarde ou nunca se realisar. E assim dizemos: Quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço.

Eis aqui a origem. Antigamente as irmandades e confrarias tinham um irmão, a quem chamavam campeiro, o qual quando morria algum dos confrades, corria a povoação tangendo a campã, ou campainha, para signal de que a irmandade devia n'aquella noite acompanhar o fallecido á sepultura. Por este trabalho recebia o campeiro os sapatos do defunto. E não só era este o uso, mas obrigação, porque n'alguns compromissos se lia: «todo o confrade que se finar, dê os sapatos ao campeiro.»

Já se vê que estes homens estavam sempre esperando sapatos de defunto; e como d'antes a gente portugueza era mais vividiora, os campeiros, se não andavam descalços, haviam de trazer muitas vezes os dedos de fóra.

SILVA TULLIO

Manhã

(Primavera)

Harmonias de luz banham os prados deslizando nas ondas de verdura, que se estendem ao longo da planura matizada de tons avermelhados!

Serpeiam os arroios nos vallados; do arvoredo na humida espessura trinam aves canções todas ternura como hymnos d'amor já orchestrados!

Elevam-se perfumes estonteantes das flôres que recebem mais e mais do sol quente caricias fecundantes!

Emquanto nas herdades nas casaeas as gentis andorinhas moirerjantes vão construindo os ninhos nos beiraeas!

MARCO SIRE

A nossa pagina musical

O auctor da valsa que hoje apresentamos, o sr. José Pinto da Costa, se não tem um nome sobejamente conhecido e um logar marcado entre os primeiros cultores da musica, é devido, não só ao excesso da modestia, como também á mesquinhez do nosso meio artistico. Contudo, não deixa de ser um valioso contribuinte para o brilhantismo da Divina Arte.

Muito novo começou dedicando-se á musica, tendo como professor seu irmão, Benjamim da Costa, actual regente da banda de Infantaria 17 e, com tanto ardor e entusiasmo o fez que, a breve trecho, era convidado a tomar parte em varios agrupamentos musicaes, evidenciando-se sempre como dextro executante de violino e viola.

Se como compositor só agora, pela honra que vem de fazer ao nosso Semanario, com a cedencia da Valsa n'elle inserta, apparece a publico, é devido á protecção que, sem regatear, é sempre dispensada aos nossos artistas. E, no entanto, grande é o numero de originaes e arréglos que, a sua pena tem traçado os quaes teem sido ouvidos com prazer em varias audições particulares, sentindo que apenas possam ser apreciadas por méro acaso.

Profundamente reconhecidos, agradecemos a José Pinto da Costa a sua gentileza da dedicatória.

Epigramma

Da futura sogra o rôsto
Certo pintôr desenhou,
Porem depois de casado
Foi a sogra que o pintou

CURIOSIDADES

O primeiro vapor que atravessou o oceano Atlantico foi o *Savannah*, que em 1819 fez a viagem de Savannah a Liverpool em 25 dias, mas tambem se serviu da vela para a travessia. Ao *Royal Williams* estava reservada a gloria de ser o primeiro a utilizar-se exclusivamente do vapor. Foi construido no Canadá e a viagem data de 1833, sendo pouco tempo depois vendido a Portugal para o transporte de tropas.



THEATROS E CIRCOS

Gymnasio — *O Filho Milagroso*, comedia em 3 actos, de Paulo Gavout e Roberto Charvay, traducção de Portugal da Silva.

A decadencia do theatro francez vae dia a dia accentuando-se, não nos processos de factura, mas nos assumptos apresentados e debatidos nas suas peças.

Prova admiravelmente a força da nossa asserção o facto da entrada nos melhores theatros da França—nação por demais ciosos dos seus brios—d'um grande numero de trabalhos de dramaturgos allemães, inglezes e escandinavos, que são hoje os povos que em materia theatral dão as cartas á raça latina, pela honestidade dos seus temas, pelo alevantado das suas ideias, pela naturalidade do desenrolar das suas acções, pela singeleza dos seus enredos e ainda pela abundancia da graça inoffensiva.

L'enfant du miracle é uma das pedras de toque d'esta nitida decadencia, embora sejamos forçados a dizer que é uma peça cheia de situações, que levam o espectador a rir com vontade mas com a consciencia plena d'um humorismo escabroso.

N'ella ha scenas que collocam em pessima situação o pae grave e sisudo que, incauto, levou as filhas ao theatro no intuito de as divertir por algumas horas ou de as moralisar por meio d'um exemplo de critica acerba tendente pelo menos a moderar corrupções sociaes.

Parece-nos ser este um dos casos em que um voluntario traductor deve ir muito alem da versão, quebrando arestas, cortando dialogos, architectando scenas, adaptando a peça ao meio intellectual, tornando-se quasi um auctor.

Mas nada se fez n'este sentido, pois que nem mesmo a traducção é cuidada e correcta.

Quando a encaramos pelo lado do desempenho sentimo-nos ainda mal dispostos: o conjuncto é detestavel.

Das actrizes, apenas Jesuina Saraiva andou soffrivelmente, as restantes deram um desempenho lastimoso aos seus respectivos papeis.

Judith de Mello passou pelas transições da colera, do desanimado, do amor, como gato por sobre brças, sem ter uma *pointinha* d'expressão a brincar-lhe no rosto e olhos, que, afinal, são o espelho da alma.

Outro tanto não dizemos do seu collega Alegrim, que estudou, e se incarnou na personagem do alfyate do bom tom, feito com toda a graça e correcção.

Telmo não tem n'esta peça um dos seus mais felizes papeis, mas, no entanto, não desmereceu dos seus creditos, bem como Soller, artista correctissimo, mas com a *macaca* de se ver transformado em *Caixa Geral de Depositos dos canastrões* do Gymnasio.

Valle, deu-nos, no seu pequenino papel, um bello typo comico, com quanto na scena da embriaguez fosse um pouco exagerado defeito este que enfermou tambem o Cardozo que tem um papel violento e fóra do seu genero.

Vieira Marques. e continua.

D. Amelia — *Rosas de todo o anno*, um acto, original de Julio Dantas; *Mão Esquerda*, 3 actos, traducção de Santos Tavares.

A Mão Esquerda é um trabalho leve, bem tido, sem *ficelles*, sem desmandos de linguagem e admiravelmente traduzido por Santos Tavares.

Encanta-nos pela singeleza com que decorrem aquelles tres actos graciosos e breves como a felicidade.

E' uma das peças em que o espectador fica com pesar de que o panno tivesse caído tão velozmente e com o proposito firme de voltar no dia seguinte para assistir a nova representação.

Poucas vezes, pelo que respeita a desempe-

nho, temos visto em theatro um conjuncto tão harmonico: Maria Falcão, Josepha d'Oliveira e Cecilia Neves, dão aos seus respectivos papeis todo o brilho e realce que o auctor lhes idealizou; Augusto Rosa e Henrique Alves, são d'um comico irresistivel; Azevedo e Chaby Pinheiro, dizem com toda a correcção, estudaram conscienciosamente, e representaram com verdade; Sena não desmanchou.

Subtil e encantador como um perfume que nos estonteia e delicia a alma, tão fino e bello, que mais parece ter sido escripto com a ponta zezada d'um diamante, o novo trabalho de Julio Dantas é outra pujante affirmacão da sua mimosa envergadura poetica, é ainda uma prova real da sua vibrante intelligencia, onde as rosas hão-de florescer toda a vida.

A obra actualmente em scena, mais theatral do que a *Caixa dos Cordeões*, ainda que de menos valor litterario, mostra nitidamente ter saltado dos bicos delicados da mesma penna: é a prosa d'um poeta.

Bem ditoso o auctor por ter encontrado duas actrizes distinctas e estudiosas que lhe souberam sentir e viver as figuras de Susana e Ignez.

Lucilia Simões é simplesmente soberba. Nada escapou a sua minuciosa observação, não houve rubrica julgada menos digna de reparo, nem phrase merecedora d'um estudo mais breve ou menos consciencioso.

Deu-nos o retrato nitido da creatura ingenua, pura e sensivel, a impressão rigorosa d'uma figurinha de biscoito, animada, vaporosa e terna, tão delicada de formas e d'uma constituição tão delgadinha, que qualquer, ao approximar-se, tem receio de que uma respiração mais brusca a desfaça em pó tenuissimo.

A Suzana idealizada pelo auctor, gargalhada crystalina da innocencia, é perfeitamente aquella, nem d'outro modo pode desejar-se a realidade d'um sonho.

Ignez, a fiera de coração amargurado e gotejante, envolta n'aquelle habito negro como o eterno martyrio da sua paixão, onde vive amortalhada á carne deshonrada e a alma desilludida mas ainda a transbordar de amor, teve em Maria Falcão uma fiel interprete.

As nossas mais cordeas felicitações ás gentis actrizes e ao talentoso escriptor.

E lá estivemos... na geral.

ROMANOL.

Do nosso amigo e distincto collaborador João Gagliardi, recebemos a seguinte carta, que muí gostosamente publicamos:

... Am.^o e srs. redactores do jornal o *Azulejos*. — Como o seu jornal não trata de politica, por isso, e, com muito maior razão, venho por este meio pedir-lhe a publicação de uma carta que dirigi á redacção do *Seculo* e á qual não deram publicidade.

Lisboa 13 de novembro de 1907. . . . Sr. redactor. — Só agora me mostraram a *Illustração Portuguesa* em que vem a descripção do *Raid* feito pelo meu ex-ajudante o sr. José Ezequiel de Carvalho. Sem querer de forma alguma depreciar o seu merecimento, venho apenas estabelecer a verdade. O cavallo com que o sr. Ezequiel de Carvalho ganhou o *Raid* foi ensinado por mim no meu picadeiro, como o seu dono o Ex.^o sr. João Baptista Macedo de Oliveira, pode attestar. Sem querer tirar-lhe mais tempo agradeço a publicação d'esta carta.

De V. Ex.
Mt.^o Att.^o V. e Obg.^o

JOÃO GAGLIARDI

Epigramma

Vae singrando o couraçado
Que aos montes carvão consome
E quem o pagou, coitado
Morre de frio e de fome.

Pedido negado

Negaste um pedido beijo
Não sei porquê, minha qu'rida,
Julguei que tinhas desejo
De me beijar toda a vida

Se entre nós existe amor
Um beijo não é peccado:
Não heija a abelha da flôr
O calice delicado?

PIRILUME.

PRINCESA

Partisteis meu coração
Quando partisteis, Princesa,
Mas motivo de tristeza
Minhas tristezas não são.

Os meus olhos com certeza
'stão onde os vossos estão,
Se sois a paixão accesa
Da sua eterna paixão.

Cumprindo o seu triste fado
Sempre longe de esquecer-vos
O que elles teem chorado!

Nem eu mesmo sei contar-vos,
Se elles me servem p'ra v'êr-vos,
Se me servem p'ra chorar-vos!

ARTHUR C. D'OLIVEIRA

Semana Alegre

O professor, dirigindo-se a um alumno, que está lanchando, emquanto elle explica a lição:
— O' senhor Martins, isto aqui não é casa de pasto. . .

O alumno:
— Eu, tambem ainda não mandei vir nada.

Um sujeito pergunta aos bombeiros que vão correndo:

— Onde é o fogo?
— N'uma botica homeopatha.
— Se arder não é por falta d'agua.

Ementa do Azulejos para o jantar do 25 de Dezembro de 1907

Sôpa

Espinafres, S.^a Cloud. — Coloca-se numa caçarola uma boa colherada de manteiga fina junta-se-lhe duas colheres, das de sôpa, de farinha de trigo muito branca e bem espadada. Põe-se a caçarola sobre fogo brando e vae-se mechendo sempre. Quando a manteiga estiver perfeitamente derretida e misturada com a farinha, junta-se-lhe sal, pimenta e 200 gr. de leite puro e cremoso. A parte tem-se cosido um bom molho d'espinafres, cuja agua se junta ao *póme* já feito. Picam-se finamente os espinafres e passam se pelo passador. Lança-se este picado no molho acima indicado e deixa-se fervêr fudo. Frégem-se dados de pão em bom azeite e picam-se alguns ovos cozidos e á ultima hora deitam-se os ovos e o pão nos pratos cheios do caldo. Com esta sôpa serve-se: *Madeira*.

Antepásto

Tufos d'inverno. — Estende-se, com o respectivo *pau de massa*, um bocado de massa tenra ou de massa folhada bem sovada; corte-se esta

massa em tiras da largura d'uma mão travessa, colocando-lhes em cima bocadinhos de picado de carne, de galinha, de ervas ou qualquer outro; unte-se a massa de roda com ovos batidos, dobre-se a massa sobre si mesma no sentido do comprimento e em estando pegada, corte-se com a *carretilha*. Cada pedaço cortado constitue um *tufo*.

Frijam-se os *tufo*s em manteiga clarificada e sirvam-se muito quentes com salsa frita por cima... Com este prato serve-se *Arinto*.

Peixe

Linguados no berço. — Escamados, limpos e preparados os linguados, cortem-se-lhes as cabeças e os rabos (que se não aproveitam neste prato): tirem-se-lhes os quatro filêtes e *marinem-se* em azeite fino, sal, pimenta, salsa, cebolinhas, dente d'alho, tudo muito bem picado, fôlhas de louro e sumo de limão. Façam-se umas caixinhas de papel e untem-se, por dentro, com boa manteiga; metá-se-lhes dentro, os filêtes sem pele mas com o molho com que foram *marinados*; cubram-se com pão ralado e ponham-se a cosêr no forno. Estando cosidos sirvam-se com sumo de limão. — Com este prato serve-se *Colares branco*.



Decifradores

Do n.º 8
Em concurso.—Augusto E. Carvalho (14-Todas)—Manoel de Sousa (13)—Mariano Ribeiro (12)—Lútras (11)—Sado (8).

Decifrações do numero antecedente

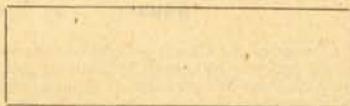
Debilmente — *Desprimor* — *Olympiada* — *Resedá* — *Natalia* — *Notario* — *Roma*, *Romão* — *Gramma*, *gramão* — *Nabo*, *nababo* — *Desapontamento* — *Azulijos* — *Trespasse* — *Remido* — *Burro*.

Logogripho

Rapido

Numero 1, 2, 3 Captivo 4, 5, 6, 7, 8
Desdem

SILVINA



Charadas

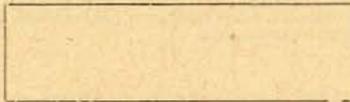
Tive um filho pequenino
Tão lindo como os amores,
Levaram d'elle a metade
Uns terríveis roedores-1.

Fugi desvairado, louco
Pela dor dilacerado,
E só com esta bebida
Me sentia alliviado-1.

Mas o tempo tudo gasta,
Afinal fui esquecendo,
E d'um liquido mais doce
Passei as noites bebendo-1.

Temperado com legumes
Manteiga, leite, farinha
E fatias de presunto...
Que rico môlho visinha!

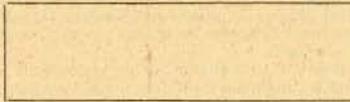
J. P.



Novissimas

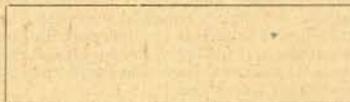
Antes gostar d'uma mulher do que ver todos os dias este phenomeno-1-2.

J. F.



A mulher com o instrumento formou esta planta-3-2.

J. L. G. (SADO)



Na musica, a nota é uma especie de cysne-1-1.

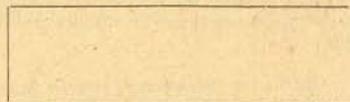
J. L. G. (SADO)



Electrica

A's direitas e ás avessas assassina-2.

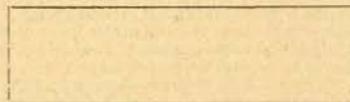
GALHÊTO



Addicionada

Vestido
-ra-
Insecto

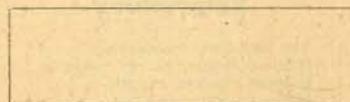
A. FRAGOSO



Syncopada

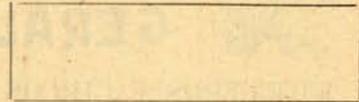
3-Deita-se no calçado o passaro-2.

LITRAS



Qualidade de pescada-3
-ris-
Officio-4

FAUSTO NEVES

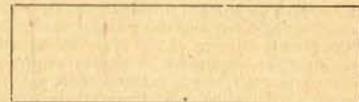


Maçada geographica

Formar o nome d'uma terra portuguesa com as seguintes palavras

E' MORTAL

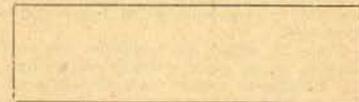
ISAURA



Enygmas

PLANTA O

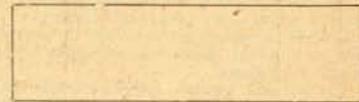
LITRAS



NBSCNMSP

I 2 I 2 I 2 I 2

E. RAMOS

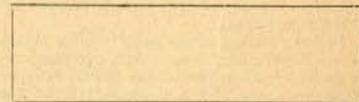


De palitos

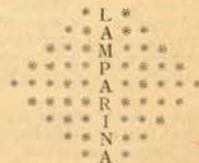


Tirando 11 palitos fica um animal.

J. L.



Chorographico



Terras portuguezas.

J. P.



Artigos a decifrar, 14.

GRANDE DEPOSITO
 DE
MOVEIS DE FERRO
 COLCHOARIA
 DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
 54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

LUZ KITSON
 Petroleo por incandescencia
 A mais brilhante, a mais economica
 Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor.
 R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Forjas americanas
 De ventoinha, sendo a ultima palavra em simplicidade e economia.
 Vel-as e compral-as é obra de um momento.
 OS INTERESSADOS QUE SE APRESENTEM
 Deposito: R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D. — Lisboa

AOS EMPREZARIOS
 DE
CASAS DE ESPECTACULOS

No Salão Recreio do Povo trabalha uma esplendida machina Gaumont, o proprietario da mesma tambem vende fitas novas e usadas assim como tem projector annunciador que aluga.

Montagem de animatographos tanto em Lisboa como fóra.

Dirigir-se a

Archimedes Silva
 Rua Silva e Albuquerque
 SALÃO RECREIO DO POVO
 LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo Instituto

R. Xavier da Silva
 Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
 Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

ESCOLA

DE

EQUITAÇÃO

DE

João Gagliardi

70, RUA D. PEDRO V, 70

LISBOA

D. O. BICYCLETAS INGLEZAS
 VENDIDAS A PRESTACAO



CASA VELO-PORTUGAL
 J. da COSTA BRAGA-21, RUA MARIA, 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS E DE MAIOR LUZO POR PREÇOS RASOAVEIS
 COMPREZAS E VENDIDAS A PRESTACAO
 DOCUMENTO DE CREDITO E ALUGAR-FAZEA PROPRIO PALMISTO VIVE-CAPIAO GIARDINI

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.º ordem que, sob a denominação de

"VELO-PORTUGAL"

vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possible.

Não ha cyclista que o ignore.

Ninguém imita artigos sem reputação.

O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introdutor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenares d'imitadores.

Quem visitar a Exposição **«Velo-Portugal»** ficará verdadeiramente surprehendido.

Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa **«Velo-Portugal»** ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços rasosaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De re-to todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pode garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

GENTIL

Homeu Ex.^{mo} Amigo A MANTUA.

Introdução
Tempo de valsa

VALSA

Valsa

J.P. Costa

PIANO

NO PROXIMO NUMERO:

MINUETE ANTIGO da 1.ª suite d'orchestra, impressões symphonicas, original de ANTONIO THOMAZ DE LIMA